

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. Se não fosse pelo Rei do Baião, as festas juninas seriam bem diferentes das que conhecemos hoje; seu início tem origem na tradição católica

O PÉ DE SERRA CRIADO POR LUIZ GONZAGA

Ele juntou a sanfona, a zabumba e o triângulo e inventou uma orquestração específica

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

Quando Luiz Gonzaga chegou ao Rio de Janeiro, em 1939, o baião nem sequer sonhava em existir – a palavra, uma corruptela para “dança de baiano”, já era ouvida na música do alagoano Jararaca, então cantor de coco, mas o ritmo em si não havia nascido. Nem mesmo o forró. Na cidade, ele então cantava os gêneros musicais mais pedidos na noite carioca: polka, valsa, tango.

O baião, como se sabe hoje – com as características familiares aos nordestinos – viria pela voz do rei apenas alguns anos depois, em 1950. O sociólogo Elder Maia, autor do livro *A sociologia de um gênero: o baião*, explica que a canção de mesmo nome, composição do pernambucano com o parceiro Humberto Teixeira, já havia sido gravada antes, mas não do jeito com o qual estamos acostumados.

“A primeira gravação é de 1946, de um grupo musical chamado Quatro Ases e Um Coringa [Gonzaga participou tocando sanfona] e não tem nada de triângulo e zabumba. É diferente, soa estranho, porque você está acostumada

tes disso não se dançava o baião juntinho. Mas Luiz Gonzaga juntou, porque naquela época samba também se dançava juntinho”.

Foi viajando Brasil a fora que Gonzaga teve uma epifania ao visitar uma feira no Recife: o som do triângulo, um mero instrumento utilitário que anunciava as mercadorias por lá, estalou alto nos ouvidos do músico, que não demoraria a ter outras ideias. Com a ferramenta recém-descoberta, ele decide adicionar aí a zabumba, criando, com a sanfona, o famoso trio pé de serra.

“Ele juntou a sanfona, a zabumba e o triângulo e inventou uma orquestração específica. Cinco anos depois da primeira gravação, já em 1950, ele gravou com essa orquestração e já muda tudo. Ele juntou mais dois tocadores, um cara bem alto, que ele chamava Infilção, e um baixinho, que chamava Salário Mínimo, e inventou isso de trio pé de serra”, completa o professor.

Como uma pedagogia, a canção ensina a “aproveitar” a novidade trazida por quem viria a ser conhecido como o Rei do Baião. “Eu vou mostrar pra vocês / Como se dança o baião / E quem quiser aprender / É favor prestar atenção”, canta o músico, que, na letra, diz já ter cantado a mais nova criação no Pará, ter tocado sanfona em Belém, etc.

“Ele diz que vai ensinar como se dança essa dança que trouxe lá do Norte, mas eles [Gonzaga e Humberto Teixeira] não trouxeram de lá. As danças na terra dele, quando o pai o levava para o baile, não eram de par; tinham uma proximidade, mas se dan-

çava separado, como são as danças inspiradas nas da corte portuguesa. Como a quadrilha, por exemplo, que é uma dessas danças de corte que foi para a senzala”.

O sociólogo diz, entretanto, que Gonzaga não tinha ideia do que havia criado e comparou o baião com o surgimento da Bossa Nova. “Ele estava em um processo criativo longo, como todos os músicos, buscando inventar alguma coisa. O exemplo de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira é bem semelhante ao de Vinícius e Tom. Eles não sabiam que estavam criando a Bossa Nova, nem o João Gilberto. Foi um encontro dos três que colocou lá o *Chega de saudade* e aquilo foi um gênero musical novo. Os três não sabiam o que viria disso, e o mesmo vale para Luiz Gonzaga”.

DO BAIÃO AO FORRÓ, DO FORRÓ AO SÃO JOÃO

Também pelas mãos do ilustre filho de Exu é que o mundo viria a conhecer o forró, outra corruptela, essa de *forrobodó*, que quer dizer dança, farra. O que ele fez, na verdade, foi “apenas” jogar uma base rítmica mais rápida ao baião que já havia cria-

do também com ajuda do próprio Rei do Baião.

“Ele ouviu essa palavra e gostou. Depois pegou isso e começou, nos anos 1960, numa época já de declínio da carreira, a criar essa coisa mais acelerada que é o forró. Quem transmitiu isso depois foi o Dominguinho, que incorporou um novo compasso e disso se gerou uma série de transformações para se chegar ao que temos hoje, o conhecido forró eletrônico”, expõe Elder.

O professor destaca que a ligação dos gêneros musicais criados por Gonzaga com o São João é facilmente explicada pela grande popularidade do músico junto aos migrantes nordestinos. Foi no início da década de 1950 que eles começaram a chegar em massa ao Rio, São Paulo e Brasília, em uma das maiores migrações da humanidade – em dez anos, metade da população masculina da região havia saído de seus estados em direção ao Centro-Sul do País.

Lá, eles tornaram-se consumidores e o garoto propaganda de tudo e qualquer coisa que precisassem era ninguém menos que Gonzaga. “Ele figurava muito nas rádios, nas capas da Cruzeiro, porque ele era um publicitário, vendia muito. A gigantesca população nordestina se tornou consumidora, consumia produtos elementares, como cigarros, gêneros alimentícios, produtos farmacêuticos, e Luiz Gonzaga se tornou o garoto propaganda de todos esses produtos”.

Uma coincidência histórica também ajudou na difusão dos ritmos: a popularidade do rádio. “Quando os nordestinos chegavam ao Rio de Janeiro,



O sociólogo Elder Maia é autor do livro *A sociologia de um gênero: o baião*



ELDER MAIA
SOCIÓLOGO

“As festas juninas começaram como festas familiares, ligadas à formação do ciclo da crença católica com os três santos. Cada um criou uma narrativa, uma simbologia própria, e muitas famílias, quando se filiaram ao catolicismo, foram criando essa proximidade”

chegavam sobretudo a um local na zona norte chamado Campo de São Cristóvão, que hoje é a Feira de São Cristóvão. Nessa época, o rádio era o principal meio de comunicação – ele era tudo – e Luiz Gonzaga tinha vários programas. Então era uma loucura! Quando ele ia fazer show em São Cristóvão, juntava 40, 50 mil pessoas. E isso ele em cima de um caminhão”, diz Elder.

Dessa euforia gerada pelo músico vieram, mais tarde, os palhoções, que dariam origem ainda ao “São João moderno” – a festa esperada o ano inteiro por comunidades não só nordestinas, mas de todos os cantos do País. Mas, voltando à pergunta da página anterior, e como eram mesmo as comemorações juninas antes da música e da genialidade do Rei do Baião?

FESTA DE IGREJA, O INÍCIO DE TUDO

O sociólogo explica que, até a explosão das composições de Gonzaga, o mês junino era comemorado por aqui da mesma maneira que as demais festas católicas, a exemplo da Semana Santa: de maneira doméstica e familiar, tendo como embalo os hinários da Igreja.

“As festas juninas começaram como festas familiares, ligadas à formação do ciclo da crença católica com os três santos. Cada um criou uma narrativa, uma simbologia própria, e muitas famílias, quando se filiaram ao catolicismo, foram criando essa proximidade. Como o catolicismo brasileiro é santeiro, pessoalista, com santos para quase tudo, um deles se tornou santo casamenteiro, que é Santo Antônio. E João Batista foi ressequematizado e se tornou um santo muito popular, até por ter um nome comum em Portugal”, afirma.

Assim como o Carnaval, que, por mais difícil que seja de imaginar, até os idos de 1930 ainda não possuía seu gênero próprio, o São João seguia pelo mesmo caminho – e apenas com a segunda gravação do baião, em 1950, isso começaria a mudar. Então o que se cantava e dançava? A rigor: nada, como responde o sociólogo e professor da Universidade Federal de Alagoas.

“As músicas eram as músicas de Igreja, os hinários da Igreja Católica, São João do Pastoril, São João do Carneirinho, que é a representação iconográfica do São João. O rádio não cantava esse gênero, embora nos anos 50 já existissem muitos rádios nas cidades litorâneas. Não havia uma festa disse-

minada pelos espaços urbanos como começou a existir nos anos 80, com o esboço do que a gente conhece hoje, o São João de praça com bandas, com atrações musicais, estrutura turística”, conta.

E é dessa característica mais rural que vem uma das principais características do festejo mantida até hoje: a fogueira. Tradição vinda dos países europeus, onde era instrumento principal no cenário de purificações religiosas, ela foi englobada à comemoração local também com esse sentido, e ainda com outro: o de assar o milho, resultado da principal colheita realizada nessa época do ano.

O sociólogo relata que essa inclinação ao fogo foi disseminada pelas missões católicas. “Celebra-se a colheita com a fogueira e se assa o milho. A fogueira, no imaginário católico medieval, era algo que purificava, por isso que se matava com o fogo; e as fogueiras vieram da Europa, com as missões católicas disseminando isso. Como o milho passou a ser o produto mais consumido, daí vem a tradição de assar o milho na fogueira”.

Um aspecto que, de acordo com ele, ainda está ligado ao Brasil mais agrícola. “Até pelo menos 50, 60 anos atrás o Brasil era um País muito rural e Alagoas também. O que separa um pouco Alagoas dos demais estados é que a formação agrária foi com a cana-de-açúcar. Mas na Paraíba, em Pernambuco e Bahia, o milho representa muita fertilidade. Ele é plantado no final de fevereiro e no início de junho é feita a colheita. Então, dessa cultura específica surgiu uma série de comidas, de tradi-

ções gustativas”.

UMA CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Elder Maia, que coordena um livro a ser lançado sobre as comemorações juninas de Maceió, cita o milho como uma das tradições do “antigo São João” mantidas e reforçadas pelo “novo São João”. Como indica o pesquisador, pode ficar tranquilo, porque, ao contrário do que se pensa, as grandes festas jamais matarão a comemoração junina de rua – e muito menos as lembranças de infância, com o milho queimando na brasa que arde na fogueira, as crianças soltando fogos, Gonzaga tocando na vitrola.

“As grandes festas não matam a tradição, elas potencializam a narrativa da tradição. Alguns elementos já não existem mais; mas outros, como o milho, a comida típica, existem e são acentuados”, diz ele. “Junto a essa lamúria, as pessoas reclamam que o forró de hoje não é como o de antigamente, o tradicional, mas essas grandes cidades que fazem festas têm espaço para o que o Chico César chamou de forró de plástico, têm espaço para outras atrações mais ligadas à tradição de Luiz Gonzaga, como Elba Ramalho, Fagner, e têm espaço para o trio pé de serra, sem orquestração nenhuma, algo que Luiz Gonzaga criou há 60, 70 anos. Os três convivem juntos, às vezes de forma tensa; às vezes, mais tranquila.”

E, se o São João desse ano já passou, corre que ainda dá tempo de aproveitar o São Pedro, seja lá como for. Porque, tradicional ou moderno, a escolha de como festejar é do matuto. ☺